

ENSAIO PARA A COMPREENSÃO DA HOMOAFETIVIDADE DA MULHER A PARTIR DE CONCEITOS PSICANALÍTICOS

Alexsandro Ferreira Caitano¹, Thais Wachholz Ma.²

¹ Unesc/Programa de Pós-Graduação em Educação/alexferreira.psico@hotmail.com

²Faculdades Esucril/Psicologia/thaiscrespa@hotmail.com

Resumo: *este artigo apresenta o resultado de uma revisão de literatura sobre os conceitos, que partem da Psicanálise para versar sobre homoafetividade da mulher, apontados na elaboração de um trabalho de conclusão de curso de Psicologia. O percurso de desenvolvimento infantil é psicosssexual, dividido em fases nas quais assume a predominância determinada zona erógena. Pela via da obtenção do prazer e da fantasia, o sujeito experimenta e se estrutura. Os registros inconscientes destes períodos acompanharão o indivíduo por toda a vida. Entende esta teoria que a sexualidade expressa pelo sujeito é assumida como parte de sua identidade constituída com as impressões das vivências em seu percurso de desenvolvimento desde o nascimento ao fim do período da puberdade quando revive e pode ressignificar as impressões do Complexo de Édipo. A mulher homossexual em algum momento desta trajetória registra impressões em seu inconsciente que culminam em sua escolha de um objeto sexual mulher. Os significados estão presentes na cultura, cristalizados em representações que são elaboradas e introjetadas pelo indivíduo. Ficam questões para estudos futuros como que impressões são estas? De que maneira estas experiências levam a estas impressões? É preciso não perder de vista que o sujeito é sempre sujeito do inconsciente, do desejo, da falta, barrado, incompleto e impossível de síntese e o que cabe é conhecê-lo na perspectiva única de sua existência.*

Palavras-Chave: *Homoafetividade; Psicanálise; Sexualidade; Identidade.*

1 INTRODUÇÃO

São diversos os pontos de vista traduzidos em concepções de diferentes autores e suas linhas teóricas. Por lentes de perspectivas humanas, exatas, e outras ciências têm a homoafetividade como objeto de pesquisa sobre o qual teorizam. Freud em seu tempo, assumiu a responsabilidade em discutir o (in)discutido até então por poucos, estruturando sua teoria nos fatores da sexualidade infantil que deixam marcas profundas e intensas no inconsciente, que orientam a estrutura psíquica do sujeito até o fim da vida. Ao analisar o desenvolvimento humano pautado em uma perspectiva psicosssexual, o psicanalista está impingido a discutir a sexualidade que a todos cabe discutir.

Este artigo intenta promover a discussão partindo de conceitos da Psicanálise para a construção da identidade sexual. Inicialmente o percurso do desenvolvimento é apresentado seguido pelo conceito do complexo de Édipo e as implicações de ambos na constituição da identidade sexual. A seguir, é apresentado o entendimento da homoafetividade a partir de conceitos da Psicanálise, o masculino e o feminino como possibilidades de uma sexualidade parte expressa, parte recalcada ao inconsciente, mas que se personifica em todo sujeito de diferentes formas.

2 O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL

O desenvolvimento infantil se dá no percurso dos registros de prazer e desprazer, numa sexualidade que Freud (1996d) distribui em fases. Tais registros tornam-

se imperativos para todo o desenvolvimento humano posterior a infância, uma vez que permanecem no inconsciente, latentes, após um período de repressão, por consequência do registro da moralidade na criança inscrito na cultura onde a mesma está inserida. Há um esquecimento progressivo das experiências que o autor chamou de amnésia infantil.

Toda experiência sexual é vivida no desfecho das pulsões ou impulsos, nomenclatura que diferencia o homem do animal por sua particularidade e que podem ser sexuais/eróticos ou agressivos/destrutivos, (BRENNER, 1987). A pulsão tem origem inata e está relacionada a uma energia psíquica que impele o sujeito para a atividade em uma relação mais complexa, do que aquela impressa no estímulo-resposta, por envolver a dimensão anímica (subjéctiva) diferentemente dos animais (Freud, 1996d).

A libido tem relação com a pulsão na medida em que representa determinada quantidade de energia em movimento, que se direciona para um alvo, convertendo-se em “libido do objeto”, ganhando atributo qualitativo para depois ficar em suspenso e retornar ao ego, convertida em “libido narcísica”, (FREUD, 1996d, p. 206). Na concepção de Roudinesco (1998, p. 471), Freud utiliza o termo para “designar a manifestação da pulsão sexual na vida psíquica e, por extensão, a sexualidade humana em geral e a infantil em particular”.

O percurso do desenvolvimento infantil se dá através de fases em que sujeito encontra satisfação em si mesmo. Nas fases oral, anal e fálica, o corpo em regiões predominantes permite diferentes formas de encontrar gratificação. Logo surge o período de latência em seguida, por fim, no curso do seu desenvolvimento o sujeito alcança a fase genital ou adulta, a última das fases. A fase fálica retorna aqui para influenciar a organização sexual da fase adulta.

Com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva. Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente autoerótica; agora, encontra o objeto sexual. [...] Agora, porém surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. Posto que o novo alvo sexual atribui aos dois sexos funções muito diferentes, o desenvolvimento sexual de ambos passa agora a divergir muito. [...] A normalidade da vida sexual só é assegurada pela exata convergência das duas correntes dirigidas ao objeto sexual e a meta sexual: a de ternura e a sensual. (FREUD, 1996d, p. 196)

É neste período da vida que Freud acredita então, se confirmar a escolha do objeto, e com isto a forma de sexualidade que o indivíduo levará para toda a sua vida, baseada nas experiências sexuais primeiras vividas até os seis anos de idade. Difere-se o desenvolvimento sexual da mulher em relação ao do homem. A mulher assume os status de incógnita, tendo seu desenvolvimento como enigmático para Freud que se ocupa desta

questão mais ao fim de sua obra, deixando ainda respostas incompletas e muitos questionamentos como legados aos seus sucessores psicanalistas.

Ao mencionar a escolha objetal infantil que ocorre na fase fálica, é preciso considerar como este processo se dá na dimensão psíquica. Há uma experiência, postulada por Freud, que é universal e tem fundamental importância no curso do desenvolvimento dos indivíduos, como um divisor de águas, o Complexo de Édipo. O que seria então este complexo? Para Násio (2007, p. 12):

[...] O Édipo é a experiência vivida por uma criança de cerca de quatro anos que, absorvida por um desejo sexual incontrollável, tem de aprender a limitar seu impulso e reajustá-lo aos limites de seu corpo imaturo, aos limites de sua consciência nascente, aos limites de seu medo e, finalmente, aos limites de uma lei tácita que lhe ordena que pare de tomar seus pais por objetos sexuais. Eis então o essencial da crise edípica: aprender a canalizar um desejo transbordante. [...] O Édipo é a dolorosa e iniciática passagem de um desejo selvagem para um desejo socializado, é a aceitação igualmente dolorosa de que nossos desejos jamais serão capazes de se satisfazer totalmente. [...] a experiência vivida do terremoto edípico fica registrada no inconsciente da criança e perdura até o fim da vida como uma fantasia que definirá a identidade sexual do sujeito, determinará diversos traços de sua personalidade e fixará sua aptidão a gerir os conflitos afetivos.

A experiência edípica tem fim com o registro da lei paterna, o interdito dos pais que introjetado no ego forma o núcleo do superego atuando como proibidor do incesto. A partir deste momento tem início o período de latência com dessexualização dos pais, e a sublimação da libido em afeto, afeição para atender aos novos ideais da moralidade cultural.

3 FORMAÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL

Para Garcia (2001) é imperativo na teoria psicanalítica o movimento do sujeito em busca de prazer, trilhando um percurso erótico ao longo da infância e adolescência que deixa registros intensos de prazer e desprazer no seu inconsciente. Suas escolhas, quem será e como será, sua identidade é um mosaico de recortes coloridos pelas impressões que o sujeito tem sobre as suas experiências cotidianas, nas suas relações com o outro, e principalmente com as figuras de pai e mãe, ou cuidadores que ocupam tais posições durante a sua infância.

A bissexualidade é uma condição universal que garante aos acontecimentos históricos da vida do indivíduo a importância de constitui-lo na sua escolha objetal. O ser humano nasceria com o que poderíamos chamar de prontidão para a sexualidade, mas o objeto desta não estaria dado a priori, antes, teria de ser encontrado a partir de uma história pessoal marcada por vicissitudes muito especiais e particulares. (GARCIA, 2001).

O autor mantém sua argumentação no sentido de que, ambas as inscrições, masculino e feminino, a hétero e homossexualidade, são vertentes das quais todos têm

que lidar no curso da vida. A identidade é uma construção psíquica e não uma determinação biológica. É uma escolha arquitetada que expõe o sujeito às intempéries do ideal do contexto cultural, podendo o homossexual enfrentar rejeição como em épocas passadas, sob a ótica do pecado, doença, falta de caráter, moral, entre outros.

4 MASCULINO E FEMININO COMO POSSIBILIDADES A TODOS

Na teoria freudiana, masculino e feminino são opostos sob os quais se estrutura psiquicamente o sujeito. Os precedem no curso do desenvolvimento, o amor e o ódio, o ativo e o passivo. A criança independentemente do sexo anatômico, até o período da descoberta das diferenças sexuais, desenvolve-se da mesma forma. Ama a mãe e acredita possuir o falo-pênis, como dito anteriormente, fato que levou Freud (1996a) a compreender a libido como masculina. Mesmo com as diferenças de percurso a partir deste ponto, as inscrições do masculino e feminino são comuns a todos que ora identificam-se com a mãe, ora com o pai, introjetando ambos os papéis em seu mundo psíquico, para na vivência da puberdade consolidar sua escolha pré-feita na fase fálica, assumindo a um e recalçando o outro.

Násio (2007, p. 126) aponta didaticamente em um quadro aspectos pertinentes a posição masculino fazendo o paralelo com a posição feminina. A posição masculina herda do Édipo o desejo de possuir, de fazer o outro gozar, de orgulhar-se do seu sexo e preferir a força à beleza. Prefere amar ao ser amado, distingue amor e sexo conseguindo ligar-se sexualmente a outro sujeito sem renunciar ao amor de outro, quer penetrar e proteger. Socialmente gosta de exibir sua potência, mostrar-se viril, o que psiquicamente é simbolizado na figura do falo-pênis, o apêndice destacável que centraliza o complexo de castração e preserva no inconsciente o medo fantasístico de ser castrado, perder a potência e ser humilhado. A posição feminina, por sua vez, quer ser protegida, ser amada, receber o sexo do outro, amor e sexo são indissociáveis. Prefere ser amada por quem a ama. Quer ser única, sentir-se bela e indispensável, ser amada e não ser abandonada. Socialmente prefere deixar de lado a potência para se ocupar do ressentimento íntimo tornando-se fonte de ameaça temível para a posição masculina.

A mulher feminina particularmente busca incessantemente o falo-amor e proteger o falo-filho. Sabe do que o homem se esquece, o fato de que nenhuma aquisição é permanente. Tem erógenamente maior diversidade em relação ao homem masculino que polariza o pênis. O inconsciente é a morada dos aspectos psíquicos da posição recalçada e ainda de alguns da posição assumida sendo que ambos os polos influenciarão a ação do sujeito no mundo externo.

Ao escrever sobre sua análise de um caso de homossexualismo ¹em uma mulher, Freud (1996b) discute a questão de a paciente ter se apropriado do papel masculino em seu comportamento em relação ao seu objeto amoroso, ou seja, renunciou à satisfação narcisista, supervalorizou o objeto amado e preferiu ser a amante e não ser amada. Sua identidade formou-se não apenas na escolha invertida do objeto, mas também no desenvolvimento de uma atitude masculina, que pode ser identificada no processo analítico de explorar e conhecer a estrutura psíquica do sujeito.

5 HOMOAFETIVIDADE E PSICANÁLISE: ESCOLHA DO OBJETO POR INVERSÃO

Para entender a escolha objetual invertida, é necessário primeiro saber que para Freud, o objeto sexual é aquele que desperta atração no sujeito enquanto o alvo sexual é a ação de busca da satisfação investida pela pulsão. O sujeito está predisposto à obtenção do prazer sexual pela manifestação bissexual da libido, “Em todos nós, no decorrer da vida, a libido oscila normalmente entre objetos masculinos e femininos” (FREUD, 1996b, p. 161). Para Garcia (2001), não há uma heterossexualidade normal e natural e uma homossexualidade doente e desviante, mas ambas as resultantes são construções psíquicas produzidas em cada sujeito como decorrência da história de suas experiências objetais.

A escolha objetual hétero ou homossexual dá-se no percurso do desenvolvimento psíquico do indivíduo, pois “Como sabemos, uma decisão no sentido da homossexualidade somente se concretiza na puberdade”. (FREUD, 1996c, p. 127). A norma que baliza a determinação da sexualidade do sujeito como normal ou invertida é referida por Freud (1996d, p. 128) que utiliza o termo “suposta”. Em seus argumentos levou em consideração a função sexual reprodutora e ainda as premissas culturais da época, contra as quais lutou inclusive, para difundir sua teoria tão avessa a tais padrões.

Ao discutir a homossexualidade, na mesma obra o autor esclarece a intenção da psicanálise em fazê-lo sem corroborar com a perspectiva discriminadora e estigmatizadora do sujeito,

A investigação psicanalítica opõe-se com toda firmeza a tentativa de separar os homossexuais dos outros seres humanos como um grupo de índole singular. Ao estudar outras excitações sexuais além das que se exprimem de maneira manifesta, ela constata que todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual e que de fato a consumaram no inconsciente. As vinculações por sentimentos libidinosos com pessoas do mesmo sexo desempenham, inclusive, um papel nada insignificante como fatores da vida anímica normal [...]. (FREUD, 1996d, p. 137-138)

¹ Emprega-se aqui o termo atualmente em desuso “homossexualismo”, no intuito de apresentá-lo preservando o vocabulário original Freudiano, como investimento libidinal predominantemente em pessoas do mesmo sexo.

A homoafetividade, ou homossexualidade, a partir destes conceitos pode ser uma construção que se tornou possibilidade, na qual o sujeito, em seu percurso único-individual, elege como objeto alguém do mesmo sexo para direcionar sua libido e obter satisfação sexual. Neste percurso constrói sua identidade identificando-se com diferentes aspectos do ser masculino ou feminino tomando como ponto de partida um repertório constituído na história da humanidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As novas configurações familiares, as discussões sobre a legalidade penal da união homoafetiva no Brasil e o crescente número de sujeitos assumindo sua condição sexual, implicam em olhares distintos sobre algo para sempre questionado: a sexualidade humana. Núcleos universitários de pesquisa se estruturam para responder a tais questões e satisfazer sempre em parcial o desejo de saber, reafirmando o sujeito na inscrição da falta, da castração em relação à satisfação do saber absoluto. Sendo assim, os estudos sobre a sexualidade e a identidade de gênero, são fundamentais, considerando que subsidiam ações em políticas públicas de Assistência Social e Saúde, entre outras ações que tragam qualidade de vida a estes indivíduos. A sexualidade é um assunto amplamente explorado pelo psicólogo em suas práticas cotidianas. Seu ponto de vista, seu modo de compreendê-la é de interesse daqueles que não dispõem de conhecimento sobre a questão que deem resultados positivos, como no âmbito escolar por exemplo. Saber sobre a sexualidade humana autoriza o psicólogo a práxis, configurada em muitos espaços de atuação e nas mais variadas subjetividades. É necessário saber o que causa dissabor. Pois, manter velada a condição desta geração (que transborda desejos e que não mais se cala ao “assim não pode ser”) que divide seu cotidiano com o moralismo pragmático e o liberalismo desenfreado, é reforçar a censura incestuosa dos primeiros tempos edipianos. A liberdade de expressão se fez possível num movimento cultural pós-ditadura no Brasil, incrementada com a globalização e cada vez mais apimentada pelas tecnologias de mídia e pela esfera do direito, que vem incluindo nas leis a garantia do respeito pela individualidade do ser. Talvez uma nova era, para quem dera... Sendo o sujeito do inconsciente coberto pelo véu da repressão e resistência como um universo singular dentro de si, inexplorável na totalidade por sua própria consciência, assume-se a impossibilidade de conhecer no todo, a completude das variáveis que determinam a escolha do objeto homoafetivo pelas mulheres. Compreendendo a estrutura psíquica do sujeito como resultado de um percurso edípico, de desenvolvimento psicosssexual, no qual as experiências e impressões são únicas e singulares, tal qual se torna este em sua construção, entende-se como um contrassenso sistematizar variáveis comuns a todos

que leve o sujeito do estudo a sucumbir na escolha da homossexualidade, como uma via de regra única que leva todas ao mesmo destino.

REFERÊNCIAS

BRENNER, Charles. **Noções básicas de psicanálise**: introdução à psicologia psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. **A dissolução do complexo de Édipo**. In: O ego e o id e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 195-201. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19)

_____. **A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher**. In: Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 147-175. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19)

_____. **Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua infância**. In: Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 67-142. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7)

_____. **Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. p. 119-231. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7)

GARCIA, José Carlos. **Problemáticas da identidade sexual**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. (Coleção clínica psicanalítica)

GONTIJO, Thais. **Quando uma mulher ama outra**. In: Destinos da sexualidade / organizadoras Ana Maria Portugal [et al.]. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

NASIO, Juan-David. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.